

Os *Epitaphia* de Ausônio: Tradução das composições dedicadas aos heróis do núcleo troiano

José Amarante Santos Sobrinho*

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Maria Eduarda Dias Curse de Souza**

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Resumo

O presente trabalho apresenta a tradução em recriação rítmica ao português para as composições dos *Epitáfios* de Décimo Magno Ausônio dedicados aos heróis do núcleo troiano na guerra de Troia. Retomando o trabalho anterior realizado por José Amarante e Élisson Lopes Brito (2025), o artigo busca apresentar a conclusão da tradução da obra, pela primeira vez para a nossa língua.

Palavras-chave

Ausônio. *Epitaphia*. Tradução.

Abstract

This work presents the translation into rhythmic recreation in Portuguese for the compositions of the *Epitaphs* by Decimus Magnus Ausonius dedicated to the heroes of the Trojan core in the Trojan War. Resuming the previous work carried out by José Amarante and Élisson Lopes Brito (2025), the article seeks to present the completion of the translation of the work, for the first time into our language.

Keywords

Ausonius. *Epitaphia*. Translation.

A pesquisa de que decorre este escrito dá continuidade ao trabalho desenvolvido pelo Prof. Dr. José Amarante e pelo bolsista de Iniciação Científica Élisson Lopes Brito, cujo foco foi a tradução dos primeiros poemas da obra *Epitaphia heroum qui bello Troico interfuerunt*, de Décimo Magno Ausônio, desde a introdução até o epitáfio 12, dedicado a Protesilau, ou seja, recobria as personagens do núcleo grego¹. O estudo atual busca aprofundar e expandir essa tradução, incluindo os epitáfios de 13 (dedicado a Deífobo) até 26 (a Políxena), com especial atenção à recriação da métrica, preservando o sentido do texto latino. Junto a esses, foram incluídos para a composição da edição final, os poemas que não estão diretamente relacionados ao tema bélico troiano, sendo eles os dedicados a Níobe, a Diógenes, o Cínico, a um homem feliz, a uma lápide quebrada, a um cavalo do Imperador, a um túmulo vazio e outro a uma jovem mãe.

1. Para esse trabalho com os epitáfios dedicados aos heróis gregos, vejam-se os seguintes artigos: Amarante; Brito (2024); Brito; Amarante (2025, no prelo).

* ORCID – prof.amarante@hotmail.com
** ORCID – mariacurse@ufba.br

Submissão: 26 mai. 2025 ↔ Aceite: 24 nov. 2025

Reconhecido pelo seu manuseio técnico da métrica e pela sua facilidade em explorar diferentes temas e estilos, Décimo Magno Ausônio, nascido por volta de 310 EC em Burdígala, antiga cidade da Gália (atual Bordeaux, na França), marcou o século IV com suas numerosas composições. Educado pelo seu avô materno Emilio Arbório, então professor em Toulouse, Ausônio seguiu os seus passos e lecionou por 30 anos em sua cidade natal, primeiro como *grammaticus* e, com o tempo, como *rhetor*. Seu prestígio o fez chegar à corte imperial em Tréveris (atual Trier), quando o imperador Valentiniano I o nomeia como tutor do seu filho, Graciano. Ausônio também “auxilia na campanha de Valentiniano contra os Alamanos (368-369)”² (Mattiacci, 2022, p. 197), de modo que, em 370, seus bons serviços lhe renderam o título de *comes* (pessoa da comitiva de alguém) por Valentiniano I (*id. ib.*).

Graciano torna-se o novo imperador após a morte do seu pai em 375 e, como prova de sua confiança, atribui a Ausônio e a vários membros da sua família cargos políticos. Em 378, como aponta Silvia Mattiacci (2022), o poeta é nomeado *Præfectus prætorio*³ da Gália e, após a batalha de Adrianópolis, de uma grande parte do Ocidente. No final desse mesmo ano, o imperador Graciano, que passava o inverno em Sírmio, nomeia Ausônio como *consul prior*⁴.

“A corte de Tréveris era um lugar de encontro entre cristãos e pagãos desde os tempos do imperador Valentiniano”⁵ (Alvar Ezquerro, 1990, p. 59). No entanto, essa harmonia começou a se desintegrar a partir de 381, quando Graciano transferiu a capital imperial de Tréveris para Milão. Na nova corte, o imperador passou a ser fortemente influenciado por Ambrósio, o respeitado bispo de Milão, e essa amizade resultou não apenas em uma série de ações contra os pagãos, mas também no afastamento progressivo entre Graciano e seu antigo tutor. Com a morte de Graciano, em 383⁶, Ausônio decidiu encerrar sua carreira política e retornar definitivamente a Burdigala. Embora imerso no luto pela morte de seu aluno, ele encontrou tempo para continuar escrevendo até os últimos momentos de sua vida em sua cidade natal, por volta de 395.

De fato, as obras de Ausônio são difíceis de datar. É provável que o poeta tenha composto ao longo de toda a sua vida. Contudo, Alvar Ezquerro (1990) supõe que podem ser associadas ao seu período de melancolia e introspecção, por abordarem temas nostálgicos

2. No original: “Il assiste à la campagne de Valentinien contre les Alamans (368-369).” As traduções são nossas, exceto se informarmos outro tradutor.

3. O título de *Præfectus Prætorio* designava o funcionário da ordem equestre que, sob o regime imperial romano, exercia uma vasta gama de funções civis e militares. Alvar Ezquerro (1990, p. 45) observa que Hespério, filho de Ausônio, assume o cargo juntamente com seu pai, o que ilustra a relação política entre os familiares do poeta.

4. Era denominado *consul prior* o primeiro cônsul nomeado; o segundo seria, então, *consul posterior*. Ambos possuíam igual autoridade e dividiam os deveres de maneira alternada. Essa distinção perdura até o século IV, já que a divisão do Império entre o Ocidente e o Oriente fará com que a designação fosse de cônsul ocidental e cônsul oriental.

5. No original: “La corte de Tréveris es un lugar de encuentro entre cristianos y paganos desde los tiempos del emperador Valentiniano”.

6. Durante a batalha entre o usurpador Máximo e o imperador Graciano, que durou cinco dias, parte das tropas imperiais trocaram de lado. Segundo Alvar Ezquerro (1990), Graciano foi morto por Andragácio, seu antigo chefe de cavalaria, ao tentar fugir, em 25 de agosto de 383, nas proximidades de Lyon.

e fúnebres, as obras *Parentalia* (trinta composições dedicadas a seus familiares falecidos), *Commemoratio professorum Burdigalensium* (coleção de epigramas dedicados a seus colegas professores já falecidos) e *Epitaphia heroum qui bello Troico interfuerunt* (epitáfios destinados aos heróis da guerra de Tróia). Outras hipóteses foram levantadas por estudiosos, tal como Roger Green (1991), que propõe que essas obras tenham sido iniciadas antes da aposentadoria de Ausônio, em um período no qual o poeta demonstrava interesse em traduzir poemas gregos. Nesse sentido, elas poderiam ter sido compostas logo após o término de seus estudos formais, durante uma fase em que ele estava aprendendo grego⁷. Quanto aos *Epitáfios*, Green (1991) salienta que é provável que Ausônio tenha se inspirado, em alguns poemas, mas não em toda a coleção, na obra pseudo-aristotélica *Peplos*⁸.

Como fonte do texto latino, utilizamos para a tradução proposta dos *Epitaphia heroum qui bello Troico interfuerunt* a edição de Green, de 1991, composta por vinte e seis epigramas, predominantemente elaborados em dísticos elegíacos, com algumas composições em hexâmetros (o epitáfio 4, dedicado a Aquiles, o 6, a Diomedes e o 15, a Astíanax). O dístico elegíaco é uma estrofe composta por dois versos: o primeiro, um hexâmetro datílico, e o segundo, um pentâmetro, estruturando-se desta forma:

Esquema 1 – Hexâmetro datílico

1	2	3	4	5	6
— È È	— È È	— È È	— È È	— È È	— —
— —	— —	— —	— —		— È

Fonte: Elaboração dos autores

As substituições são possíveis de um dátilo (— È È) por espondeu (— —) em todas as sedes, menos no quinto pé, onde o dátilo é obrigatório, e no sexto, que é catalético, com uma sílaba a menos, resultando, portanto, num espondeu ou troqueu.

Esquema 2 – Pentâmetro

1	2	3		4	5	6
— È È	— È È			— È È	— È È	—
— —	— —	—				

Fonte: Elaboração dos autores

7. Entre os epigramas, por exemplo, alguns são escritos em grego ou trazem elementos dessa língua (em grego: 33, 34 e o 98; mesclas de latim e grego: 31, 35 e 41; jogo com o termo grego γλώσσα: 86; acróstico com nomes gregos: 85; jogo com letras gregas: 87). Sobre o uso do grego nos epigramas de Ausônio, ver Floridi (2014).

8. O termo *peplos* (πέπλος) se refere a um tipo de vestimenta cerimonial sob a forma de manto, utilizada principalmente por mulheres e que era presa com fivelas acima do braço direito de modo a deixá-lo exposto. Também se refere a qualquer tecido usado para cobertura, inclusive para cobrir a urna funerária ou o rosto do morto. Em sentido literário, diz respeito a uma coleção de composições curtas ocasionais e, mais particularmente, a uma coleção de epitáfios ou epigramas que descrevem os feitos de heróis ou de pessoas famosas.

Trata-se de um tipo de hexâmetro no qual dois dátilos são cataléticos. Isso significa que o terceiro e o sexto dátilos perdem as duas sílabas breves. É importante notar também que não há substituição dos dátilos por espondeus após a diérese fixa do pentâmetro (indicada por ||).

As traduções anteriores para outras línguas foram utilizadas como referência e, por isso, merecem ser mencionadas: a edição de Evelyn White (1921), para o inglês, e a mais recente de Alvar Ezquerro (1990), para o espanhol. Além dessas, a consulta a outras pesquisas, como a de Mattiacci (2022), foi fundamental para o aprofundamento dos estudos sobre o autor.

Na tradução aqui proposta, não seguimos a convenção de verter textos latinos para o português empregando esquemas rítmicos tradicionais, como o dodecassílabo para o hexâmetro e o decassílabo para o pentâmetro. Em vez disso, inspiramo-nos no método associado a Carlos Alberto Nunes, que busca recriar os hexâmetros datílicos latinos em hexâmetros datílicos vernáculos⁹. Para isso, substituímos as sílabas longas (—) do latim por tônicas em português e as breves (È) por átonas, com o objetivo de emular o ritmo original e manter a estrutura poética no novo idioma.

Entretanto, o sistema de tradução utilizado nesse tipo de recriação se diferencia do método de Nunes, que adota um esquema holodatílico. Optamos, em determinadas passagens, pelo uso de troqueus — combinações de uma sílaba tônica seguida de uma átona — que, embora não reproduzam exatamente os espondeus latinos, ajudam a recriar as variações rítmicas que o texto original propõe por meio da alternância entre dátilos e espondeus. Essa escolha se justifica porque, na poesia de Ausônio, também encontramos essas quebras de ritmo.

Partindo do entendimento de que toda tradução é, em alguma medida, uma forma de recriação, reconhecemos que certas perdas foram inevitáveis na tentativa de verter os poemas para o português. Em diversos momentos, foi necessário recorrer a licenças tradutórias, diante das limitações impostas pela língua de chegada em contraste com a métrica utilizada por Ausônio. A decisão de nos aproximarmos do ritmo latino — priorizando o uso de oxítonas nos *elementa longa* ao final de hemistíquios do pentâmetro — orientou a construção de todos os dísticos elegíacos e se revelou, desde o início, como um dos maiores desafios do processo tradutório.

Essa opção exigiu uma série de adaptações estruturais, muitas vezes resultando na substituição de palavras ou expressões e na reordenação sintática. No epitáfio 16 (A Sarpedão), por exemplo, observe-se a recriação de *tegor hoc tumulto* (“estou coberto por este tumulto”) pela expressão portuguesa “em jazigo aqui estou”, de forma a garantir a tônica ao final do pentâmetro recriado na língua de chegada. Por sua vez, no epigrama 19, dedicado

9. Sobre os experimentos de tradução poética na esteira do que Carlos Alberto Nunes disseminou entre nós e sobre experimentos anteriores, cf. Oliva Neto e Nogueira (2013), Oliva Neto (2014a e 2014b); Gonçalves (2014, 2022).

a Polidoro, para o ajuste no número de sílabas e, ao mesmo tempo, para a garantia de sílaba tônica ao final dos hemistíquios do pentâmetro, a expressão latina *condor in hoc tumulto bis Polydorus ego* (“sou enterrado neste tûmulo duas vezes”) se reescreveu na língua de chegada com a expressão “reenterrado **estou**, eu, Polidoro, no **chão**”. Destaque-se, nesse exemplo, o ajuste ocorrido em *condor bis* por “reenterrado”.

A recomposição completa dos versos, com vistas à manutenção de sílabas tônicas nos finais de hemistíquios do pentâmetro é, novamente, visível em outros momentos, como no poema 20, dedicado a Eufemo, onde *grosso modo* se optou por uma tradução *ad sensum* ao invés de uma tradução *ad verbum* (cf. Cíc., *opt. gen.*, 5.14). Assim, o pentâmetro latino *insuper et frontem mole onerant statuae* (“As estátuas também sobrecarregam a frente com seu peso por cima”) se recriou assim: “preme a frente também se posta a imagem aí”.

Nos versos iniciais da mesma composição a Eufemo, observa-se que também ocorreu na recriação a adição de termos que não constavam no texto latino, como a inserção da palavra “*deus*” no segundo verso. Nesse caso, o complemento foi necessário para que houvesse alguma oxítone antes da diérese, como dito previamente.

*Euphemum Ciconum ductorem Troia tellus
condidit hastati Martis ad effigiem.*

Líder dos Cícones era Eufemo, que a terra Troiana
perto da efígie do **deus** || Marte hastado cobriu.

Há ainda casos de recriação mais livre, como no epitáfio 25, dedicado a Hécuba, em que a tradução de um jogo linguístico — em que o poeta recorre ao grego (σῆμα κυνὸς, *i.e.* “túmulo de cadela”) — assumiu a forma em inglês: “*my dog’s tomb*”. A escolha pelo inglês segue a proposta utilizada por Amarante (2023), que utiliza de uma língua moderna como forma de provocar no leitor atual um efeito de estranhamento semelhante àquele que o grego teria causado ao público de Ausônio no século IV.

As diferenças entre os idiomas frequentemente impedem a reprodução exata dos jogos sonoros de Ausônio, o que impõe um dilema à tradução: seria preferível: i) manter as palavras que preservam o sintagma latino no texto de chegada (TC), garantindo maior proximidade ao texto de partida (TP), ainda que se sacrifique o efeito sonoro; ou ii) substituí-las por sinônimos em português que recriem os recursos estilísticos, mesmo que se afastem da formulação do TP? Considerando que, em certos casos, é possível manter na recriação tanto a lógica estrutural do texto latino quanto seus efeitos sonoros, optamos — por vezes e naqueles casos em que uma escolha se mostrou imperativa — pela segunda proposta, buscando preservar a sonoridade, ainda que com fonemas distintos aos latinos,

por meio de adaptações no vocabulário. Um exemplo disso ocorre no epitáfio 20, com a aliteração da fricativa /s/ em “*Nec satis est titulum saxo incidisse sepulcri*”, em que, na recriação, se substitui *sepulchrum* (no poema em genitivo) por “túmulo”, destacando no TC a aliteração da oclusiva /t/: “Não bastou ter talhado na pedra do túmulo um título”. Ao longo da obra, foi possível identificar esse tipo de *lusus* em seis epitáfios¹⁰.

Embora tenhamos buscado manter certos recursos estilísticos (como aliterações e assonâncias) amplamente explorados pelo poeta, em alguns casos, a preferência pela métrica pode ter resultado, em maior ou menor grau, na perda desses efeitos expressivos. Os ajustes acabaram por modificar a estruturação de alguns versos da obra, tornando-se evidentes quando contrastamos nossa versão com uma tradução literal, razão pela qual se estampa aqui tanto o texto de partida quanto o de chegada, de modo a permitir ao leitor o confronto.

O resultado, portanto, não é uma reprodução literal, mas uma reinterpretação. Desse modo, a tradução é um eco que ressoa através dos séculos e prova que a poesia de Ausônio é capaz de sobreviver às transformações do tempo e da língua.

10. A aliteração está presente, por exemplo, nos seguintes epitáfios: 10, dedicado a Euríalo (v. 2: *cui communis erat cum Diomede domus*); 15, a Astíanax (v. 4: *Pro dolor! Iliaci, Neptunia moenia, muri*); 16, a Sarpedão (v. 4: *Et patitur luctum qui prohibere potest*); 19, a Polidoro (v. xx: *Thracia poena premit, Troia cura tegit*); 20, a Eufemo (v. xx: *Nec satis est titulum saxo incidisse sepulcri*); 23, a Príamo (v. xx: *confugi ad cineres Hectoreos genitor*); e 25, a Hécuba (v. xx: *Fidite ne regnis et prole et stirpe parentum*). A Assonância se registra na composição 2, dedicada a Menelau (v. 5: *aeterno pollens aevo aeternaque iuventa*).

EPITAPHIA HEROUM QUI BELLO TROICO INTERFUERUNT

[...]

13. Deiphobo

*Proditus ad poenam sceleratae fraude Lacaenae
et deformato corpore Deiphobus
non habeo tumulum, nisi quem mihi voce vocantis
et pius Aeneas et Maro composuit.*

14. Hectori

*Hectoris hic tumulus, cum quo sua Troia sepulta est:
conduntur pariter, qui periere simul.*

EPITÁFIOS DOS HEROIS QUE PARTICIPARAM DA GUERRA DE TROIA

[...]

13. A Deífobo

Para a vingança entregue em traição de uma infame Lacônia
e deformado em meu corpo eu, Deífobo, não
tenho túmulo exceto o que a mim em palavra exortante
não só Eneias o pio, mas também Maro compôs.

Após as 12 primeiras composições dedicadas aos que atacaram Troia (dânaos, argivos e aqueus), a nova série traz as composições para os epitáfios dos que a defenderam (Alvar Ezquerria, 1990, p. 288). Deífobo, filho de Príamo e Hécuba, se casou com Helena após a morte do primeiro marido. Foi torturado até a morte e mutilado por Menelau após a queda de Tróia. Por não ter um corpo para ser enterrado, ele não foi devidamente sepultado. Conta-se que sua sombra foi vista por Enéias no inferno. **V. 1:** Lacaena ou Lacedemônia é uma referência a uma mulher nascida no território da Lacônia, cuja capital era Esparta. Cf. Verg. *Aen.* 6.511: *scelus exitiale Lacaenae* (“o funesto crime da Lacanônia”). **V. 2:** Cf. Verg. *Aen.* 6.494: *laniatum corpore toto Deiphobum* (“Deífobo dilacerado em todo seu corpo”). **V. 3-4:** Cf. Verg. *Aen.* 6.505 s.: *tumulum... inanem constitui et magna manis ter voce vocavi: nomen et arma locum servant.* (“ergui um túmulo ... vazio e por três vezes invoquei os manes em alta voz: o nome e as armas protegem o local.”)

14. A Heitor

Esta é a tumba de Heitor, com quem foi sepultada sua Troia:
jaz lado a lado, então, quem juntamente morreu.

V. 2: Cf. Sen. *Tro.* 128 ss.: *summusque dies Hectoris idem patriaeque fuit* (“e o último dia de Heitor foi ao mesmo tempo o de sua pátria”) e *Ant. Pal.* 7.139.1: Ἑκτορι μὲν Τροία συγκατάθανεν (“Com Heitor Troia tombou”).

15. Astyanacti

*Flos Asiae tantaque unus de gente superstes,
parvulus, Argivis sed iam de patre timendus,
hic iaceo Astyanax, Scaeis deiectus ab altis.
Pro dolor! Iliaci, Neptunia moenia, muri
viderunt aliquid crudelius Hectore tracto.*

5

16. Sarpedoni

*Sarpedon Lycius, genitus Iove, numine patris
sperabam caelum, sed tegor hoc tumulo,
sanguineis fletus lacrimis. Pro ferrea fata!
Et patitur luctum qui prohibere potest.*

15. A Astíanax

Flor da Ásia e único vivo de gente tão nobre
párvulo, mas por Argivos temido já desde meu pai.
Eu jazo aqui, sou Astíanax, das altas Céias lançado.
Oh que dor! As netúneas muralhas da Ilíaca defesa
viram um caso bem mais cruel que um Heitor arrastado.

5

V. 1: A Grécia Asiática era localizada na Ásia menor (numa região onde se encontra hoje a Turquia, então conhecida como Jônia) e uma de suas cidades mais conhecidas da Antiguidade seria Tróia. Daí a referência ao *parvulus* filho de Heitor como “flor da Ásia”. **V. 2-3:** Astíanax era filho de Heitor e Andrômaca. Foi lançado das altas portas Céias em Tróia por Neoptólemo, filho de Aquiles, que receava que o filho de Heitor pudesse vingar a morte do pai ou que pudesse se tornar rei de Tróia. O nome dado a ele pelos pais teria sido Escamândrio, uma referência ao principal rio troiano Escamandro, mas ele era chamado pelos troianos de Astíanax (Ἀστυάναξ, “senhor da cidade”). **V. 4:** Muralhas netúneas é uma referência à atribuição, comumente dada, à confecção das muralhas de Tróia por Poseidón, Netuno para os romanos.

16. A Sarpedão

Eu Sarpedão, Lício e filho de Jove com nume paterno
expectava o céu, mas em jazigo aqui estou,
sendo chorado em sangrentas lágrimas. Oh, dura sina!
Sofre este luto também ele que o pode impedir.

Sarpedão consta como um rei Lício, filho de Zeus, Júpiter para os romanos, que teria morrido ao entrar em combate com Pátroclo. Apiedado, Zeus poderia socorrê-lo e, diante da inevitabilidade do Destino, almejou iludi-lo, tendo sido repreendido por Hera. Sarpedão tomba por terra e uma chuva de sangue lhe vem como um sinal de honra pela morte do filho do grande deus. Ver Hom. *Il.* 16.459 ss. Cf. *Pepl.* Pseudo-Aristóteles, 53.

17. Nasti et Amphimacho

Nastes Amphimachusque, Nomionis inclita proles,
ductores quondam, pulvis et umbra sumus.

18. Troilo

Hectore prostrato nec dis nec viribus aequis
congressus †saevo† Troilus Aeacidae,
raptatus bigis fratris coniungor honori,
cuius ob exemplum nec mihi poena gravis.

19. Polydoro

Cede procul myrtumque istam fuge, nescius hospes;
telorum seges est sanguine adulta meo.
Confixus iaculis et ab ipsa caede sepultus
condor in hoc tumulto bis Polydorus ego.
Scit pius Aeneas et tu, rex impie, quod me
Thracia poena premit, Troia cura tegit.

5

17. A Nastes e Anfímaco

Nastes e Anfímaco, de Nomião sendo ínclita prole,
líderes tempos atrás, somos já sombra e pó.

Nastes e Anfímaco eram generais da Cária, filhos de Nomião que lutaram ao lado dos troianos. Nastes foi a guerra com uma armadura de ouro e foi morto por Aquiles, que se apoderou do espólio. **V. 1:** Tradução de um verso de Homero (*Il.* 2. 871 Νάστης Ἀμφίμαχος τε Νομίονος ἀγλαὰ τέκνα). *Inclita proles* pode ser lida como uma referência a Apolo, já que, segundo Cícero (N. D. 3, 57), *Nomion* seria um dos epítetos do deus, conhecido como “o legislador”, provavelmente considerando a forma νόμος (‘lei’). O epíteto, contudo, geralmente se associa a “protetor de pastores”, a partir do substantivo grego νομή (‘pastagem’) ou νομός (‘pasto’). **V. 2:** Cf. Hor. *Carm.* 4.7.16: *pulvis et umbra sumus*.

18. A Troilo

Com Heitor já prostrado, sem deuses ou forças iguais,
Troilo, eu, combati frente ao Eácida vil,
por uma biga arrastado, me junto à honra fraterna,
tendo um exemplo assim, grave minha pena não é.

Troilo é o mais jovem filho de Príamo e de Hécuba, irmão de Heitor. Existia um oráculo segundo o qual Tróia não poderia ser conquistada se Troilo atingisse a idade de vinte anos. Mas foi morto por Aquiles pouco tempo depois da chegada dos Gregos às muralhas da cidade. Cf. Verg. *Aen.* 1.474 ss. **V. 1:** Cf. Verg. *Aen.* 5.809: *Pelidae tunc ego forti congressum Aenean nec dis nec viribus aequis* **V. 2:** Eácida é o sobrenome patronímico para os descendentes homens de Éaco, neste caso faz referência a Aquiles, neto de Éaco. **V. 3:** cf. Verg. *Aen.* 2.272.

19. A Polidoro

Vai para longe e fuge a essa murta, oh néscio andante;
fruto de lanças é que por meu sangue cresceu.
Atravessado por lanças e no próprio sangue sepulto
reenterrado estou, eu, Polidoro, no chão.
Sabe-o o pio Enéias e tu, oh rei ímpio, porque me
planta a Trácia expiação, me cobre o Teucro valor.

5

20. Euphemo

*Euphemum Ciconum ductorem Troia tellus
condidit hastati Martis ad effigiem.
Nec satis est titulum saxo incidisse sepulcri;
insuper et frontem mole onerant statuae.
Ocius ista ruunt, quae sic cumulata locantur;
maior ubi est cultus, magna ruina subest.*

5

21. Hippothoo et Pyleo in horto sepultis

*Hippothoum Pyleumque tenet gremio infima tellus;
caulibus et malvis terga superna virent,
nec vexat cineres horti cultura quietos,
dum parcente manu molle holus excolitur.*

20. A Eufemo

Líder dos Cícones era Eufemo, que a terra Troiana
perto da efígie do deus Marte hastado cobriu.
Não bastou ter talhado na pedra do túmulo um título:
preme a fronte também se posta a imagem aí.
Ruem logo essas coisas que assim empilhadas se põem;
onde o luxo é maior, grande a ruína já vem.

5

Eufemo, filho de Trezeno, é descrito como chefe dos Cícones em Hom. *Il.* 2. 846 s. Para autores tardios, teria sido morto por Aquiles; outros autores associam sua morte a Ájax. Por não haver evidências dos detalhes de seu sepultamento, Green (1991, p. 373) supõe que Ausônio possa ter traduzido algum epigrama grego antigo.

21. A Hipótos e Pileo, sepultados num horto

Guarda em seu seio Pileu e Hipótoo a terra profunda:
as altas costas estão verdes com malvas, cipós,
não atormenta as quietas cinzas a lavra do horto,
quando a erva tenra por mão doce é tratada com amor.

Hípotos e Pileu, filhos de Leto, são mencionados em Hom. *Il.* 2. 842 como comandantes dos pelasgos lanceiros que viviam na cidade de Larissa. **V. 1-2:** Aqui Ausônio coloca o local do sepultamento num jardim.

22. Ennomo et Chromio

*Ennomus hic Chromiusque iacent, quis Mysia regnum,
quis pater Alcinous Oceanusque atavus.
Nobilitas quid tanta iuvat? Quo clarius istis
est genus, hoc mortis condicio gravior.*

23. Priamo

*Hic Priami non est tumulus nec condor in ista
sede; caput Danai deripuerunt meum.
Ast ego cum lacerum sine nomine funus habere,
confugi ad cineres Hectoreos genitor.
Illic et natos Troiamque Asiamque sepultam
inveni et nostrum quicquid ubique iacet.*

5

24. Item Priamo

*Qui tumulum Priami quaerit, legat Hectoris ante;
ille meus, nato quem prius ipse dedi.
Hectoris et patris simul est commune sepulchrum,
amborum quoniam iuncta ruina fuit.*

22. A Ênomo e Crómio

Cá jazem Ênomo e Crômio; desses a Mísia foi reino,
desses Alcínoo foi pai e Oceano ancestral.
Tanta nobreza a que serve? Tal como insígne a esses
é sua raiz, mais cruel a condição do morrer.

Filhos de Arsínoo e não de Alcínoo, como erroneamente afirmou Ausônio, Ênomo e Crômio são apresentados como líderes dos Mísios em Hom. *Il.* 2.858. Por conta da confusão do poeta, vale destacar que eles também não são descendentes de Oceano.

23. A Príamo

Cá não é o túmulo a Príamo nem sepultado estou neste
canto; os Dânaos então decapitaram a mim.
Eu, porém, como tive um corpo partido e sem glória,
sendo seu pai me exilei junto às cinzas de Heitor.
Nã só filhos, Tróia e Ásia lá sepultados
eu encontrei, mas também tudo que é nosso ali jaz.

5

Príamo, por conta de sua idade avançada, não participou ativamente na guerra de Tróia. Limitava-se muitas vezes a dar conselhos. Segundo algumas lendas, Polidoro foi perseguido e decapitado por Neoptólemo, filho de Aquiles, em um templo. Príamo não foi sepultado. Aponta Green (1991) que Ausônio deve ter criado uma sequência para sua história. **V. 3:** Cf. Verg. *Aen.* 2. 558: *auolsumque umeris caput et sine nomine corpus* e *Aen.* 9.491: *funnus lacerum tellus habet?*

24. Também a Príamo

Quem busca um túmulo a Príamo, escolha o de Heitor previamente;
ele é meu, o qual atrás eu próprio ao meu filho dei.
Ao mesmo tempo é de Heitor e do pai um sepulcro conjunto,
pois para ambos foi toda a ruína comum.

25. Hecubae

Quae regina fui, quae claro nata Dymante,
quae Priami coniunx, Hectors quae genui,
hic Hecuba iniectis perii super obruta saxis,
sed rabie linguae me tamen ulta prius.
Fidite ne regnis et prole et stirpe parentum,
quicumque hoc nostrum σῆμα κυνὸς legitis.

5

25. A Hécuba

Eu que fui a rainha, filha do ilustre Dimante,
que fui de Príamo mulher, que concebi a Heitor,
cá pereci oprimida, eu Hécuba, em pedras lançadas,
antes vingada, porém, por rábia em língua, por mim.
Não confie nos reinos, na prole ou descendência
todo aquele que aqui lê esta *my dog's tomb*.

5

V. 2: *Hēctōrā* é acusativo grego, metricamente funcional para evitar o alongamento da última sílaba de *Hēctōrēm* quando seguida de palavra com consoante (*quae*). V. 4.: *Rabie* é também ‘com furor’ ou ‘com violência’, mas preferimos verter com ‘por rábia’ para manter a base lexical latina (*rabies*) e pela associação à doença canina (a raiva de sua língua seria a artimanha preparada por ela para vingar a morte de seu filho Polidoro). V. 3-6: σῆμα κυνὸς é expressão grega para “túmulo de cadela”. Após a tomada de Troia e depois de ter perdido todos os seus filhos, Príamo confia não só seu filho Polidoro a Polimestor, rei do Quersoneso, a fim de que se mantivesse salvo, como também a guarda de importantes tesouros ao filho. Depois de tomada Troia e com a morte de Príamo, Polimestor — para se apropriar do tesouro — mata Polidoro e o lança ao mar. Tendo sido o corpo levado para a costa troiana, Hécuba vê e reconhece o corpo do filho no momento em que embarcava como cativa de Ulisses. Ela então, com ajuda de uma de suas servas, decide se vingar e prepara uma artimanha relacionada a tesouros não levados pelos conquistadores para aticar a cobiça de Polimestor. Enganado, o rei vê seus dois filhos serem mortos por cativas troianas antes de ter seus olhos arrancados por Hécuba. Por fim, tendo sido apedrejada pelo povo, por morder a quem a atingia, Hécuba teria se transformado em uma cadela sob o monte de pedras que a cobria (Eur., *Hec.* 1271-1273). Cf. Cíc. *Tusc.* 3.26. Cf. Ov. *met.* 13.533 ss.

26. Polyxenae

*Troas Achilleo coniuncta Polyxena busto
malveram nullo caespite functa tegi.
Non bene discordes tumulos miscetis, Achivi:
hoc violare magis quam sepelire fuit.*

26. A Políxena

Eu a Troiana Políxena, unida à pira de Aquiles,
morta, não iria querer relva cobrindo a mim.
Não muito bem misturais, ó Aquivos, as tumbas discordes:
Isso quis mais me ferir, bem menos me sepultar.

Políxena, filha de Príamo e Hécuba, é entregue a Aquiles por sua mãe numa tentativa de apaziguar a guerra, contra a vontade do pai, uma vez que este não concordava com o casamento entre sua filha e um inimigo. Na queda de Tróia, após a morte de Heitor, Políxena, juntamente com seu filho Alexandre atraem Aquiles para o templo de Apolo, onde o casamento aconteceria. Lá, a vingança ocorre e Alexandre mata o herói. Por sua vez, Políxena é assassinada no túmulo de Aquiles pelo filho deste, Neoptólemo, com um corte na garganta. Sobre a bela morte feminina em outras obras do poeta, ver *A bela morte feminina em Ausônio* de José Amarante (2019). Conforme Green (1991, p. 375), esta versão, por apresentar Políxena como uma vítima, se aproxima mais à de Sêneca (*Tro.* 1157 s.), do que à de Eurípides (*Hec.* 342-78). **V. 4:** A escolha do verbo *violare*, segundo Green (1991), implica conotações sexuais, o que evidencia a queixa de Políxena ao dizer que sofre de um destino pior do que um mero enterro.

Referências

- ALVAR EZQUERRA, Antonio. *Ausonio, D. M. Obras I. Introducción general, traducción y notas* Antonio Alvar Ezquerro. Madrid: Gredos, 1990.
- AMARANTE, José. *A gramática de Ausônio: lusus linguae e recriação de poesia*. Salvador: Aiê, 2023.
- AMARANTE, José. A bela morte feminina em Ausônio. *A Palo Seco, escritos de filosofia e literatura*, Aracaju, ano 11, n. 12, 2019, p. 47-60.
- AMARANTE, José; BRITO, Élisson Lopes. A tradução e seu processo: “pensando alto” enquanto se traduz um epítáfio ausoniano. *Translatio*, Porto Alegre, n. 27, 2024, p. 1-20.
- BRITO, Élisson Lopes; AMARANTE, José. Em tradução, doze composições dos *Epitaphia* de Décimo Magno Ausônio. *Rónai*, Juiz de Fora, 2025 (no prelo).
- EVELYN WHITE, Hugh H. *Ausonius*. With an English translation. London: William Heinemann; New York: G. P. Putnam’s Sons, 1919.
- FLORIDI, Lucia. Il greco negli epigrammi di Ausonio, tra γρῖφος, *lusus* e sfoggio erudito. *Il calamo della memoria*, Trieste, n. VI, 2014, p. 119-143.
- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Panorama de traduções métricas de poesia greco-romana no Brasil. *Olho d’água*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 1, 2022, p. 179-195. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/928/762>. Acesso em: 18 dez 2023.
- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. L’hexamètre au Brésil : la tradition de Carlos Alberto Nunes. *Anabases, Traditions et réceptions de l’Antiquité*, Toulouse, n. 20, 2014, p. 151-164.
- GREEN, Roger P. H. *The Works of Ausonius*. Edited with Introduction and Commentary. New York: Oxford University Press, 1991.
- MATTIACCI, Silvia (avec la collab. de F. Lepetit). Auguste; Ausone. In: C. Urlacher-Becht (éd.), *Dictionnaire de l’Épigramme littéraire dans l’Antiquité grecque et romaine*, Tome I (A-H). Turnhout: Brepols, 2022. p. 197-203.
- OLIVA NETO, João Angelo. Breve anatomia de um clássico. In: VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014a.
- OLIVA NETO, João Angelo. O hexâmetro datílico de Carlos Alberto Nunes: teoria e repercussões. *Revista Letras*, Curitiba, n. 89, 2014b, p. 187-204.
- OLIVA NETO, João Angelo; NOGUEIRA, Érico. O hexâmetro datílico vernáculo antes de Carlos Alberto Nunes. *Scientia translationis*, Santa Catarina, n. 13, 2013, p. 295-311.